

Carta dos editores

Renata Luzia Feital de Oliveira¹
Thiago de Souza dos Reis²

A revista Aquila deixa o ano de 2021 atravessada por registros que partilham de perspectivas plurais para pensar sobre dinâmicas desenvolvidas em diferentes contextos. Com mais um ano denso, em que ficamos diante de dias incertos, tivemos a sorte de contar com o fôlego de pesquisadores que alimentou reflexões assertivas a debates que não podem cessar. As intempéries inauguradas em 2020, tempo em que a pandemia do Coronavírus se alastrou em escala mundial, deixa marcas visíveis, sentidas em múltiplos níveis; impôs questões e afetou o caminhar de discussões desenvolvidas em diferentes espaços. Há de se considerar, que se muito de nós tirou, trouxe também possibilidades, estreitamento de fluxos e arranjos pouco explorados.

Do encontro emergente deste contexto, contamos com as escritas das páginas que se seguem. Por iniciativa de incitar o debate sobre o tempo presente, organizações sociais, políticas e econômicas, este dossiê encontrou por tema dimensões intercambiadas pelas Relações Internacionais. Com a internet, o estreitamento de fronteiras demonstrou-se como potência de dimensão quase ilimitada, concomitantemente à barreira material tangente a maior parte da população, temas sentidos e visíveis no cenário atual. Tal dinâmica, de estreitamento e exclusão possui teor de fragilidade, uma vez que é atingida por hierarquias e mecanismos de poder que expõem, em primeiro plano, a relação entre desigualdade, saúde e solidariedade. As disputas de fronteiras, tema caro ao desenvolvimento das relações criadas para evitar possíveis conflitos, surgem com nova roupagem.

E assim, neste número, vamos encontrar temáticas como a Inteligência Artificial no campo militar, a partir da leitura do artigo de Emílio Ferreira e Patrícia Matos, ou a comparação entre metodologias de ensino para o aprendizado de línguas estrangeiras, pelo texto de Boulousaki Stavroula e Alexandra Anastasiadou. Uma discussão sobre os lugares de memória pode ser vista no texto de Iana Komar, a partir do estudo do conflito militar em Donbass. Um estudo de Paulo Mahumane sobre a exploração mineira em Moçambique mostra como os países ricos se beneficiam dessa dinâmica que envolve camponeses e grupos indígenas, transformados em garimpeiros,

¹ Doutora em Literatura Comparada pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2013). Mestre em Sociologia pelo Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (1997), Bacharel em Ciências Sociais - Sociologia - pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1996) e Bacharel em Comunicação Social. Estuda Direito na Universidade Veiga de Almeida (2018). Atualmente é Coordenadora de Jornalismo e Publicidade e Propaganda na Universidade Veiga de Almeida, Campus Barra e Coordenadora do Núcleo de Publicações da Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Inovação da Universidade Veiga de Almeida. E-mail: renata.oliveira@uva.br

² Doutor em História, especialista em Educação Especial e Inclusiva, historiador e pedagogo, professor no curso de graduação em Direito da Universidade Veiga de Almeida. E-mail: thiago.reis@uva.br

com suas terras invadidas. Esses são apenas alguns assuntos que fazem parte da coletânea de artigos cuidadosamente organizada pelos Professores André Luis Sena e François Wassouni

Se no tempo de agora a discussão revisita Tratado de Utrecht e a Paz de Westfalia, centrais para entender as dinâmicas internacionais, não deixamos de considerar esse exercício como eficiente na busca por respostas a problemas que urgem no presente. As demandas impostas são outras, empurram barreiras fluidas, e navegam no ciberespaço com liberdades de dimensões irrestritas. Vivemos em um tempo de dinâmicas culturais fundamentadas em representações transversais a interesses econômicos e políticos difíceis de rastrear. As codificações de informações, gostos em algoritmos, solapam bases e erguem novas estruturas. É neste cenário de instabilidades que as Relações Internacionais buscam, ao lado de outras disciplinas das humanidades, desvelar organizações densas em um exercício intenso de reler o passado com as lentes afetadas por interesses da atualidade. A viscosidade das camadas temporais sobressai a mudanças agudas, construtoras de desafios inéditos, sem deixar de dialogar com questões que são também antigas.

Que essas e outras leituras possam provocar reflexões importantes, renovar os espaços de diálogo e de construção coletiva do saber.

Universidade Veiga de Almeida
Rio de Janeiro/Brasil, fevereiro de 2022.
Os editores

8